

Livia Paula Zanelli de Morais

Processos urbanos emergentes

colagens e justaposições entre arquitetura e paisagem

Arquitetura e o urbanismo carecem de terminologias para descrever fenômenos emergentes em seu domínio que podem redefinir a própria disciplina. Não reconhecer os recentes processos urbanos e insistir em denominações tradicionais (como urbano/rural) podem levar à implantação de políticas públicas e investimentos equivocados e que desconsideram questões sociais. É nesse sentido que resgatamos o trabalho de Henri Lefebvre (1999), para quem a investigação de processos de urbanização em todas as escalas espaciais deve ser priorizada.¹

¹ Henri Lefebvre (1901-1991), filósofo e sociólogo francês de corrente marxista com grandes contribuições para questões do espaço urbano, geografia e sociologia, influenciando a teoria urbana atual com trabalhos, como: *Direito à cidade* (1968), *A revolução urbana* (1970) e *A Produção do espaço* (1974). Neste último, Lefebvre define o espaço como uma importante extensão das relações sociais sob o capitalismo moldado ao longo da história, de modo que, no século XX, o que o caracteriza é a mudança da sociedade industrial para a sociedade urbana, um processo de “implosão-explosão” em que as áreas urbanas explodiram para além de seus limites, gerando um tecido urbano desigual que amplia fronteiras

Também com foco em tais processos de urbanização, o *think tank* AMO (*Architecture Media Organization*, braço de pesquisas do escritório de arquitetura OMA – *Office for Metropolitan Architecture*, de Rem Koolhaas²), tem

em áreas geográficas não urbanas, como as zonas de extração de recursos. Como exemplo, temos a destruição das cidades mercantis europeias (implosão) e o seguinte crescimento de conurbações urbanas e megalópoles como forma de apoio à industrialização (explosão).² Rem Koolhaas (1944) fundou, juntamente com Elia e Zoe Zenghelis e Madelon Vriesendorp, o *Office for Metropolitan Architecture* (OMA) em 1975. Desde então, o escritório é responsável pelo desenvolvimento dos projetos de arquitetura e urbanismo enquanto a Fundação Groszstadt (metrópole, em alemão) foi criada como captadora de recursos para financiar pesquisas, exposições e o caro método de pensar e apresentar os trabalhos do escritório. Em 1999, a fundação foi transformada na *Architecture Media Organization* (AMO), o *think tank* do OMA. Além das pesquisas, trabalha comercialmente para empresas como Volkswagen, Heineken, IKEA e Prada, o que abre precedentes para o entendimento da pesquisa como *commodity*, mas também relaciona a arquitetura com outras disciplinas, como mídia, política, sociologia, tecnologia, moda, curadoria, publicação e design gráfico – e que repercute em estudos como Holloco-



Em primeiro plano, a pseudocondição urbana formada pela adição de elementos como muros, postes e palmeiras, cenário não suficiente para evitar o esvaziamento do local. Ao fundo, a terra vermelha de Olhos d'Água no período entressafras. Novembro/2017. Fotografia da autora.

Livia Paula Zanelli de Morais

é doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (bolsa Fapesp).

lpzmorais@usp.br

desenvolvido conceitos e vocabulários para situações que não mais se enquadram nas tradicionais categorias de arquitetura, paisagem e planejamento urbano. Em um de seus trabalhos,³ no sudeste asiático, o *think tank* desenvolveu termos “copyrighted”, reunidos em um glossário, para interpretar a condição urbana contemporânea. Eis alguns deles:

- PHOTOSHOP© define a capacidade de combinações múltiplas em um tipo de acumulação de objetos: por exemplo, uma área agrícola que faz fronteira com torres de uma cidade no sudeste da China – a paisagem “rural” coexiste com o urbano, como em colagens produzidas por um software editor de imagens;
- ZONE© determina uma condição definida como zona e não cidade, um híbrido de cidade e campo;
- THINNING© define a concentração mínima de elementos necessários para gerar uma condição urbana, é marcada pela implantação de palmeiras, postes, bancos – uma destruição da paisagem para simular a ideia de urbano;
- SCAPE© descreve o que não é cidade nem paisagem natural, é a nova condição pós-urbana, a justaposição entre arquitetura e paisagem.

Este texto, em caráter ensaístico, foi produzido a partir de registros fotográficos, feitos (nos meses de novembro/2017 e março/2018) nos arredores da fazenda Olhos d’Água, em Ribeirão Preto, estado de São Paulo, buscando revelar processos urbanos emergentes que, apesar de suas características locais, fazem parte de uma condição global. Ou seja, no interior do Brasil ou no sudeste da China, fenômenos sob lógicas semelhantes podem ser identificados.

A zona sul da cidade de Ribeirão Preto tem passado por ciclos de expansão e um recente prolongamento viário interligou a região à fazenda mencionada. Parte desta foi loteada e deu lugar a condomínios horizontais e verticais vizinhos aos campos de milho em plena operação. Destacamos aí as dezenas de pequenas casas idênticas e vazias que simulam a

condição “condomínio de casas” para fins de aprovação de projeto e que resultam em um cenário urbano surreal. Desse modo, condomínios verticais e horizontais em espaços tematizados (CUTHBERT, 2011) e plantações agrícolas se mesclam em projetos de desenho genérico que não consideram a mudança social como questão primordial: ao contrário, a ideia de espetáculo tem função de promover o consumo de alto padrão de massa.

A fazenda Olhos d’Água, com mais de duzentos hectares remanescentes, é maior que vários bairros da cidade, mas pode, muito em breve, ser loteada em sua totalidade, potencializando o espalhamento urbano e o esvaziamento das áreas centrais – uma condição global de processos de urbanização com a extensão desigual do tecido urbano. Para Lefebvre (1996), a urbanização não é mais resultado da industrialização, mas é o próprio fenômeno produtivo, é o “fim da cidade” que acaba por se tornar objeto de consumo.

Diante do exposto, destacamos que os atuais discursos que reverenciam a “era das cidades” (vide conceitos como smart cities) devem ser revistos em prol de análises de paisagens urbanas que se estendem para além das cidades. Estas devem ser consideradas como parte fundamental das formas urbanas inseridas no processo de globalização, ou seja, com consequências inúmeras para o mundo. Precisam, portanto, ser incorporadas nas terminologias, teorias e propostas urbanas produzidas no século XXI na busca por espaços mais justos e igualitários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cuthbert, Alexander. **Understanding cities**. Londres: Routledge, 2011.
- Lefebvre, Henri; Kofman, Eleonore; Lebas, Elizabeth. **Writings on Cities**. Malden: Blackwell, 1996.
- Lefebvre, Henri. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l’espace. 4ª ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000). ■

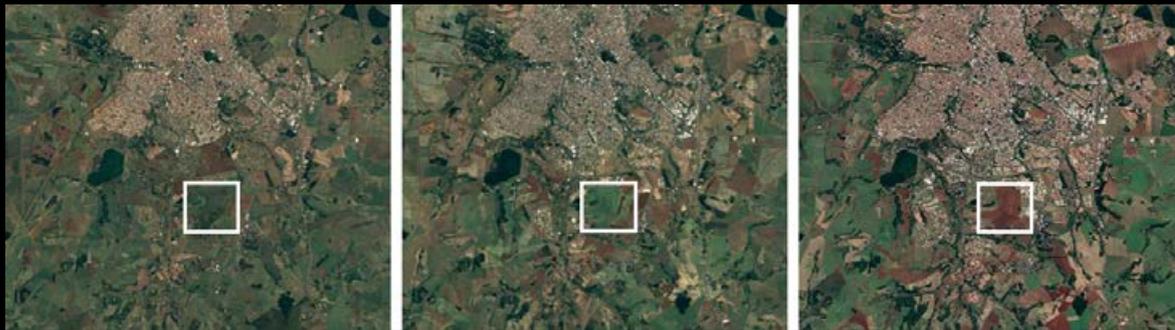
re (2002), sobre a nova urbanidade da Europa e AMO Atlas Worldwide (2002), sobre novos mapas em que a informação é fluida e não está vinculada à forma geográfica.

3 Pesquisas sobre as novas formas e a velocidade de urbanização do Delta do Rio das Pérolas, China, que resultaram em *Project on the City 1 – Great Leap Forward* (2001), desenvolvido no período de Koolhaas como professor na *Harvard Graduate School of Design*. O trabalho foi primeiramente nomeado como *The Project for what used to be the city*, uma manifestação clara sobre a condição urbana da atualidade.

Agradecimentos

à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pela concessão de bolsa de pesquisa (em desenvolvimento) que originou este ensaio (Processo nº 2016/22499-5).

▶
A expansão da cidade de Ribeirão Preto em direção à Olhos d'Água: 1996, 2006 e 2016. Em destaque, a área da fazenda e seu entorno. Na imagem de 2016, os condomínios contornam a propriedade rural e continuam rumo ao sul. Fonte: Google Earth, editado pela autora.



▶ A mesma condição de esvaziamento após cinco meses. A mudança acontece apenas na paisagem da fazenda, agora com cultivo de milho. Março/2018. Fotografia da autora.



▶ Olhos d'Água e seus arredores com condomínios. No centro da imagem, nas bordas da fazenda, as pequenas casas idênticas. Fonte: Google Earth, editado pela autora.



▶ A topografia da área permite avistar a simulação de condição urbana como um todo: muros, iluminação pública, paisagismo e "casas" vizinhas à fazenda. Março/2018. Fotografia da autora.





◀ **SCAPE©** - *nem cidade nem paisagem natural. A mistura de um urbano remoto e área agrícola conjugam um panorama artificial típico de parques temáticos. Novembro/2017. Fotografia da autora.*



◀ **THINNING©** - *a ideia de urbano pela inserção de poucos elementos no "rural", como postes, árvores, viário e "casas" - uma destruição da paisagem para simular cidade. Novembro/2017. Fotografia da autora.*



◀ Paisagem com sobreposição de diferenças. A pichação "eu não sei lidar" (manifestação tão urbana) e a cerca (típica do rural) na fronteira entre a fazenda e a rua sem saída do novo loteamento. Período entressafras, novembro/2017. Fotografia da autora.



O mesmo local cinco meses depois: pichação e campos de milho em plena operação. Ao fundo, condomínios verticais da zona sul. Março/2018. Fotografia da autora.



O “bairro”, hoje, se configura como ZONE®, zona e não cidade - onde se nota a ausência de tudo, especialmente a vida das ruas. À direita, muro de um condomínio fechado; mais à frente, a simulação de casas. Na rua sem calçadas, o arco-íris completa a cena surreal. Novembro/2017. Fotografia da autora.



PHOTOSHOP® - combinações múltiplas, acumulação e colagem de objetos: casas, palmeiras, iluminação pública e a plantação de milho como cenário de fundo. A paisagem “rural” da Olhos d’Água coexiste com o “urbano”. Março/2018. Fotografia da autora.





◀ THINNING© - poste, árvore, “casa” com número e caixa para correspondências que nunca chegarão, tudo a cinquenta metros do campo de milho. Março/2018. Fotografia da autora.



◀ THINNING© - elementos para simulação da condição “condomínio de casas”. Casa número 2.300 com telhado de duas águas, a síntese da ideia de abrigo que não abriga ninguém. Março/2018. Fotografia da autora.



◀ SCAPE© - a nova condição pós-urbana, a justaposição entre arquitetura e paisagem. Fotografia da autora.